

# A Verdade

NEM SEQUER O MANTO DIAPANO DA FANTAZIA.

PROPRIETARIO, EDITOR E ADMINISTRADOR: JOÃO PINTO DOS SANTOS

Composto e impresso na Typ. Espozendense—Espozende.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA CONDE AGROLONGO, 6—ESPOZENDE.

SEMANARIO REPUBLICANO

43

N.º 42  
ANO I  
18  
Setembro  
1920

A evolução dos sentimentos é independente da vontade. Ninguém pode amar ou odiar a seu livre alvedrio.

Gustavo Le Bon.

## OUTROS TEMPOS

Ha quem supponha que o elogio do nosso tempo, que é como quem diz do tempo que passou, é já um realismo tradicional, muito longe de traduzir a verdade; que o presente é melhor porque melhores são as condições de vida que a civilização nos vae proporcionando na sua marcha progressiva, que o que lá vae lá vae, e não deixa saudades. Infelizmente porém, não é assim.

O passado é um grande mestre cujas lições são sempre proveitosas e como se isto não bastasse para o tornar respeitado, ainda por todas as razões e mais uma, é um motivo constante de recordações saudosas pelo confronto do que se viu e do que estamos a vêr.

Entre as muitas coisas que foram elevadas, e dignas de nome que tivemos na historia da Europa, lembra-nos casualmente, aquelle parlamento que Dona Maria II abriu em 2 de janeiro de 1868 apòz, as perturbações politicas de que o Minho foi principal theatro, quando presidia ao gabinete o duque de Saldanha com Bernardo Henriques no reino—o barão de Francos na guerra e Silveira Pinto na Marinha. Joaquim José Queiroz na justiça e Joaquim José Falcão na Fazenda.

Ainda cheirava polvora, e a guarnição da cidade; a despeito de não estar de todo refeita das marchas extenuantes contra as tropas de Sá da Bandeira, apresentava-se garbosa para a guarda d'honra e salvas da ordenança, porque naquelle tempo a aber-

tura do parlamento era alguma coisa de importante para a vida nacional, porque a nação vivia allí, e era adentro das suas portas que ella se manifestava em todos os aspectos da sua existencia.

Ah! O parlamento desse tempo e o palratorio d'hoje!—! Que profunda differença e com que profunda tristeza a constatamos! Os vencidos nessas epochas calamitosas não procuravam o desforço pela bomba cobarde nem pela pistola assassina.

Era o duello na imprensa, pela pena ao serviço do talento dos duelistas.

Era o remoque incisivo—a ironia fina, despedida á queima pouoa que desconcertava os mais corajosos e desafinava os mais sisudos. Lembra-nos a proposito, este bocadinho escripto por Rodrigues Sampaio na «Revolução de Setembro», sobre o discurso da corôa, proferido pela rainha. Sua magestade deseja que *desponte radiosa uma nova era*. Os astros que assomam ao horisonte são na verdade refulgentes, e se a Camara Municipal pudesse alugar um para cada rua, dispensar a despeza do azeite ou do gaz.

Eram assim mordazes, mas delicados os combatentes de então. Sabendo aliar com rara habilidade a violencia com a cortezia. Hoje, discute-se à paulada ou a tiro e os mais prudentes ou menos atreitos a desperdiçar balas entram na guerra dos adjectivos obscenos, até completo exgotamento do lexicano. São raras as excepções; só as suficientes para confirmar a regra. Isto na imprensa como nas bancadas parlamentares. O estylo e os methodos são preci-

samente os mesmos.

Quando em 11 de janeiro de 1848 os deputados de opposição souberam que do Porto tinham vindo varios deputados no «Mindello», e no «Porto», mas que ainda assim não prefazião o numero de 72 exigido pelo regimento de 1846 para a Camara funcionar, e que resolvera que os 64 deputados que compareceram dispensassem os 72 que deviam comparecer, alguém exclamou: «Castraram a maioria» e logo a seguir correu de bôca em bôca este conceito.

«Para se ajustar a maioria ao numero foi preço *capar* a totalidade. Ora uma maioria castrada hade ser necessariamente infecunda».

Se fôsse hoje, os paes da patria ardendo em republicana ira teriam systematicamente partido as carteiras, teriam dito muita asneira para agradar aos chefes, e ás galerias então não falemos. Seria o fim do mundo em ponto pequeno. Naquelle tempo o deputado era um sacrificado que tinha de prestar contas do seu mandato; hoje o deputado é um empregado publico bem remunerado, no primeiro degrau para o terraço ministerial e cuja melhor habilidade ainda consiste em estar calado e só intermitentemente dizer um apoio-a tempo. Se falla, dias depois é ministro. E assim caminhamos.

### Sociedade Cooperativa Bracarense, de responsabilidade limitada.

Cada acção 10\$00

As listas de subscrição encontram-se na Farmacia Central e Livraria Espozendense.

—Que se diria, tal qual,  
Ser elle o filho primeiro,  
Primeiro filho varão  
Das terras de Portugal...

E parece ser o Avô  
De quanto em roda se veja:  
Da fonte que gorgoleja  
Por entre os musgos e a hera,  
E da verdura que brilha  
—Filha de Abril, linda-filha!  
—Nos braços da Primavera.

Assoma, agora, na estrada,  
Junto á fonte, uma cachopa:

Como é linda e delicada!

—Carne de rosa, apertada  
N'uma camisa de estôpa;  
Sáia de chita enramada  
Em seus desenhos de flôres;  
Colête de veludinho  
De vivas, garridas côres;  
Airosa cabeça envolta  
N'um lenço de onde se solta

Seu cabelo, —como o brilho  
Do sol que mal se contem  
Por entre nuvens de junbo;  
Manga afogada no punho;  
Chale traçado, ao desdem;  
Grilhão de ouro na garganta  
(Bem mais agrilhão e encanta  
A sua voz, a cantar).  
Chinelinha domingueira  
Onde um pé de bailadeira  
Parece sempre bailar...

—«Salve-o Deus, bom Avôsiho.»—

—«Deus te guie, minha flôr...  
Onde vaes, tão assodada?!  
Estrêlla da Madrugada,  
Trazes contigo a alegria,  
Como o sol uos traz o dia...»—

—«Onde vou?»— responde e logo,  
N'um gesto amoroso e lindo  
Brilham seus olhos em fogo;  
Brilha-lhe a boca, sorrindo;  
O rosto se lhe incendia;  
Mais o seu peito se alteia

## Adormeçamos

O *Grulha*, semanario que vê a luz do dia em Espozende antes de a ver em Fão, em artigo de fundo agarra-se ás ossadas d'aqueles que foram alguém em Fão, agita-as, sacode-as, e como o naufrago prestes a sossobrar, pede, grita, implora que lhe ajudem, que a terra bairrista por excellencia se afunda e se perde em o nada, donde mãos vigorosas e dedicações incansaveis a tinham tirado.

Sangram-se em vida os *Grulhas*: Fão não tem actualmente quem seja capaz de a impulsionar e de a fazer reviver. Quem ha ali que se imponha? Tem muito dinheiro, mas tem muito mais comodismo: dizem ter um acrisolado amor á sua terra, mas são incapazes de gastar do seu bolso uma estampilha de 10 reis para fazer bem. Ha muito tempo que Fão não dá um passo para a frente, e, quem não avança retrograda.

Diz o *Grulha*, e nisso concordamos nós tambem que é a maldita politica que se deve tudo o que Fão é hoje em dia. Que querem os senhores? Se os illustres Fangeiros gastarem a sua atividade a tratar do futuro da sua terra como a gastar com a celebre questão religiosa que teve o seu apogeu em 2 de Abril; se esse movimento fosse feito por gente de bem e não por, uns certos *Tobias* que por si só bastasse para classificar uma terra, se essa gente que tão estrondosamente se manifestou, não fosse talvez assalariada, mas sim gente de bem, eles respeitariam as crenças dos seus adversarios e estes as suas: nada se teria dado.

De alvoraçado anciar;  
Mais sua voz se alumia:  
—Onde vou?! A' romaria:  
Resar! bailar! namorar»...—

II

Ei-la vae por ahí fóra:  
E o velho fica-se a olhar...

E começa a ouvir, agora,  
Na capelinha do monte,  
—A' lém, ao cimo, defronte—  
Anuncios da romaria,  
Borbomnhos de alegria:

Os foguetes, estralando:  
Longinquas vozes, cantando  
Ao co n'passo da vigia,  
Dos harmoniums e tambôres;  
E pregões de limonada,  
Dôces finos e licôres:  
E vozes, pedindo esmola,  
Contando tristes horrôres;  
E, como n'uma trovoadá  
De alegres sons, atroando,



Toda a gente está em férias,  
E até quando calhar,  
Que resta disto?—só férias;  
E tolo quem cá ficar.

Abra-se a porta á cadela,  
E feche a administração,  
Vá toda a gente p'ra aldeia,  
Gosar este lindo verão.

Não trabalha o faroleiro,  
Faz o mesmo o zelador:  
E durante um mês inteiro,  
Quer descanço o lavrador.

Pode morrer quem quizer,  
E até quando calhar,  
O Doutor, está bom de ver,  
Tambem não quer medicar

Da Camara sai o Ferrelra,  
A seguir o Zé Marla:  
Haja grossa pagodeira,  
Rapases! Viva a folia!

A marinha e o correlo,  
Os escrivães o notario  
Sabem só deste palolo:  
Sem trabalho—mais salário.

Este caso bem pensado,  
Só tem uma solução:  
Nós, como o professorado  
Queremos gosar o verão.

É a greve onipotente,  
Tudo em férias gosar,  
Visando um fim transcendente,  
Sem o poder alcançar.

Neiva.

Mas, o mal é de origem. Ainda agora a junta de paróquia de Fão cometeu mais uma iniquidade contra o voto expresso do presidente e do vice presidente.

Os restantes membros da junta, uns tres, e que tres, resolveram que, a residencia paróquial de Fão, mandada fazer, ou adquirida pelo grande amigo des-

O Estrondo que vem chegando  
Por detraz de uma quebrada...

E vê que já se avizinha,  
A dar volta á capelinha  
Toda luzente de cal.  
A solemne procissão:

Erguido, ao alto, o pendão;  
E o pállio de ouro, em tenda,  
Cobrindo o Senhor Prior;  
E as ôpas de vária côr;  
E os anjos; e o principal:  
—A Santa, no seu andor,  
(Ajoelhado, no caminho  
Tapetado a rosmaninho)  
Trajando brocado novo,  
Toda linda e sériassinha,  
Como uma boa rainha  
Que faz vizita ao seu povo.

E o velho, fica-se a olhar  
Dentro de si, a scismar...

(Continua)

## FOFETIM

Antonio Correia d'Oliveira

## Romarias

I

Maio tafal. Nasce o dia  
Sobre o valle. E' n'uma aldeia,  
Tendo, ao alto, a serrania  
Toda séria e triste e grave;  
Tendo, ao fundo, em viva cheia  
De frescura e de alegria,  
Um largo rio suave,  
Manso como um vôo de ave.

Mesmo á beira do caminho,  
Está sentado um velhinho  
De tão antiga feição,  
Tão nobre, tão altaneiro,  
Venerando, e forte, e só,

sa terra Prior Gonçalo Cardoso, para ele e para os seus successores terem casa onde habitar fosse entregue á guarda republicana. Os padres de Fão, para o futuro, passam a usar bonita farda com vivos verdes, espaldão e pau furado.

Imagine-se que o bom do prior Gonçalo Cardoso, podia quebrar a lousa do seu tumulo e vir assistir á reunião da Junta.

O que elle não faria. Corria tudo aquillo naturalmente a pontapé, porque a sola das botas deve resistir mais á acção do tempo do que os tecidos que lhes ligavam os dedos das mãos.

Ao *Despertemos do Grulha*, diremos nós: *adormeçamos*.

Mas quem é a Junta? Se os homens que se mantêm no poder, com o seu Governador Civil, o administrador, o seu regedor, ininterruptamente ha quasi dois annos, se não estão bem mudem-se. O processo é o mesmo. A confraria do Bom Jesus, legalmente eleita, foi lançada ás feras.

Porque não seguem o mesmo caminho com a Junta? Fão pode pensar em progredir com semelhante Junta? Ora?! Não pensem nisso, não vão evocar a memoria dos filhos queridos dessa terra.

Deixem-n'os em paz, na algidez dos seus tumulos, não lhes perturbem o somno, e durmam os senhores tambem sobre os louros da Victoria de 2 de Abril porque se elles cá viessem seria para amaldiçoar quem trahi a sua obra e a sua orientação.

### Lembrando...

Tem-se procurado pôr em confronto os chamados casos de Cossourado e de Fão fazendo apparecer contradição entre as soluções(?) dadas aos dois casos que fundamentalmente são identicos. Pretende-se evidenciar a prudencia e coherencia de certas autoridades. Convem esclarecer.

O que se passou na freguezia de Cossourado, do vizinho concelho de Barcelos?

O seguinte conforme nos informaram:—um reduzido numero de pessoas d'aquella freguezia opunha-se que o pároco exercesse os actos de culto, como era de seu direito e dever, e segundo tambem era vontade da maior parte dos habitantes, faziam parte desse pequeno grupo o regedor e alguns membros da junta parochial, em cujo poder estavam as chaves da igreja que se conservava violenta e ilegalmente encerrada.

O povo foi suportandó durante mezes esta situação, manifestando contudo a seu desgosto e ao mesmo tempo o desejo de ver terminado aquelle estado de cousas.

A paciencia porem tambem tem limites e a do povo de Cossourado acabou, quando viu esgotados todos os meios de conciliação e se tornaram revoltantes a teimosia e pertinacia do regedor e membros da junta que com ele estavam. Terminadas pois todas as demarches para a solução pacifica do conflito, o

povo reuniu-se, num domingo de manhã, junto á igreja, exigindo que se abrisse.

Aparecendo o regedor, procurou opor-se, mas contra a força não ha resistencia e a igreja abriu-se, vindo o povo buscar o pároco para celebrar a missa.

De Barcelos seguiu a guarda republicana reclamada pelo regedor, sendo presas algumas pessoas, mas uma grande multidão de povo seguiu logo para a administração do concelho solidarizando-se com os presos, reclamando a sua libertação e a liberdade do culto, garantidas pela lei.

O snr. administrador reconheceu que as reclamações eram justas e embora o regedor e junta fossem de correligionarios, a igreja continuou aberta ao culto a que preside o pároco não havendo mais desordens nem conflitos. Este é o chamado caso de Cossourado segundo as informações que colhiemos.

E qual é o caso de Fão?

Todos aqui o sabemos; identico no seu fundo, com poucas modificações.

O povo de Fão (e o mesmo diremos do das Marinhas e Belinho) ainda se não resolveu a fazer como o de Cossourado. Tem tido mais paciencia. As autoridades tambem aqui fazem inqueritos e mandam officios prohibindo actos de culto.

Naturalmente esperam que o povo justamente indignado com taes violencias pèrca acabeça e faça como o de Cossourado?

Só depois se resolverão a cumprir o seu dever, fazendo cumprir a lei que garante a liberdade de culto.

Porque o povo não pede favores, quer apenas o respeito pela lei, exige a liberdade de culto.

Os templos catolicos são para o culto catolico e bastava a declaração *formal e seria* de que a lei seria cumprida e a ordem mantida para que todos estes conflitos terminassem.

Tudo isto é uma violencia, uma illegalidade, uma vergonha.

Centenas de pessoas não podem estar á mercê dos caprichos ridiculos, de meia duzia!

### Pinheiros

Para madeira e lenha vendem-se nas matas. Perito de duas mil toneladas. Por junto ou em lotes.

Ver e propostas na Quinta de Belinho—Espozende.

### NOTICIARIO

Encontra-se quasi restabelecido da doença que o havia acometido o snr. José Augusto d'Almeida Abreu, digno administrador do Concelho.

### Novo estabelecimento de fazendas

Reabre brevemente, a antiga casa do snr. Arnaldo Torres, denominado «O Barateiro» que girará com a nova firma, Pinto Rosà etc. Miranda.

Muitas prosperidades.

### FALECIMENTOS

Na madrugada de 2.<sup>a</sup> feira faleceu nesta vila, a snr.<sup>a</sup> Maria de Vilas Boas Pereira, esposa do nosso bom amigo snr. Antonio dos Santos Garcia, digno official de diligencias desta comarca, e mãe do snr. Francisco dos Santos Garcia, habil artista marce-nei o.

A finada vinha desde ha muito sofrendo e ultimamente os seus padecimentos agravaram-se de tal forma que foram impotentes os esforços da medicina para a salvar.

Deixa a seu extremoso marido, alem do filho mais velho, algumas creanças de menoridade.

O seu funeral realizou-se na terça feira pelas 10 horas da manhã, depois das cerimoniaes do corpo presente na igreja matriz desta vila, sendo conduzido o seu cadaver na carreta dos bombeiros voluntarios, com um con-corrido acompanhamento á ultima morada.

Ao snr. Antonio Garcia, seu filho e demais familia enviamos o nosso mais profundo pesar pelo golpe porque acabam de passar.

Faleceu em Curvos, no dia 14 do corrente, o snr. Joaquim Jacinto da Fonseca Lima, pai do ex.<sup>mo</sup> snr. dr. João Caetano da Fonseca Lima, digno Governador Civil deste districto e irmão dos snrs. Carlos, Abilio, Severino e D. Justina Fonseca Lima.

O finado que era um modelo de virtudes, contava 79 anos, faleceu em resultado d'uma congestão.

Os funerais foram imensamente concorridos assistindo a eles tudo quanto ha de mais distinto nesta vila e concelho.

Tambem de Braga e Barcelos vieram cavalheiros da intimidade da familia assistir aos funerais.

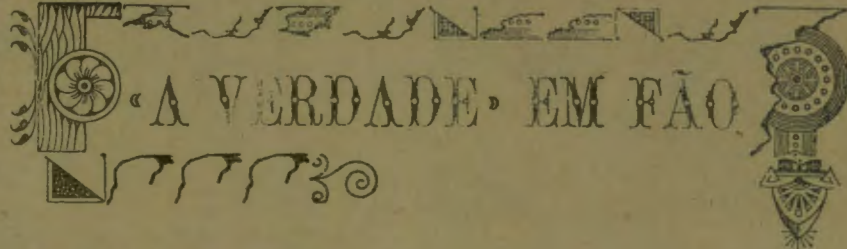
As familias enlutadas as nossas sentidas condolencias.

### BLOC-NOTES

Esteve em Viana do Castelo, acompanhado de sua ex.<sup>ma</sup> esposa e filhinhos, o nosso amigo snr. Dr. Alexandre Henriques Torres, disatracto advogado e illustre presidente da Comissão executiva da Camara Municipal.

Vimos entre nós, o nosso amigo Gaspar Ribeiro Viana, nosso conterraneo, residente no Porto.

De visita a seu extremoso pae, o ex.<sup>mo</sup> snr. Tomaz Costa, vimos o snr. Angelo Costa, distinto alferes de metralhadoras, acompanhado de seu primo o sr. Ilidio Freitas, de Oliveira d'Azemeias.



### CRONICA FANDANGA

Ha dois annos perdeu Fão, dois homens que foram estimados e muito merecidamente, pelas suas belas qualidades de caracter e bonissimo coração. Referimo-nos a Paulo Dias dos Santos e dr. Oliveira Pinto, para respeitarmos a ordem cronologica dos seus fidejamentos.

Paulo Dias dos Santos foi em toda a sua curtissima vida, um bellissimo rapaz, de um requintado cavalheirismo e de um despreendimento bondoso para com os infelizes que diariamente o procuravam encontrando-o sempre, amavel e sorridente a attender as interminaveis conversas com que narravam, ás vezes os seus hypotheticos padecimentos, e não saiam do seu bem fornecido laboratorio, sem o generoso conforto da sua palavra amiga e inteligente.

O outro morto querido, «o nosso doutor», como carinhosamente lhe chamava em geral o nosso povo, foi uma figura das mais modestas, mas de sciencia solida e clara inteligencia que socorreu e debelou verdadeiros casos scientificos aqui ocorridos sem que por isso a sua fama passasse fóra do ambito do concelho, mercê da sua extraordinaria e invencivel modestia.

A «Cronica Fandanga», mudando pela primeira vez o seu feitio incisivo ou ironico, presta sincera e expontanea homenagem ás qualidades moraes e intellectuaes que exornaram em sua curta vida esses dois caracteres de escól, que souberam crear amizades robustas que ainda, relembram grata e saudosamente as suas impereciveis memorias. Não somos, somente nós que prestamos esta modesta homenagem. E' Fão em todo seu conjunto que os lembra com saudade.

—Faz annos no dia 13 do corrente a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Carmem Correia Leite Costa dedicada esposa do snr. Mario B. da Costa.

### ANNUNCIOS

#### Venda de casa

Vende-se uma casa sita na rua da Pedra Alta. Quem pretender dirija-se a Albertina de Assumpção.

Fão, 17 de Setembro de 1920.

#### Despedida

Thomaz Costa e filhas, muito reconhecidos pelo distincto acolhimento que encontraram n'esta simpatica praia, despedem-se

Os nossos parabens.

—Consociaram-se em dias da semana tranzacta a menina Helena Martins do Monte, com o distincto official da marinha mercante brasileira snr. Americo Alves dos Reis.

Paraminfaram o acto religioso o snr. José Joaquim Soares Estanilau e ex.<sup>ma</sup> irmã.

No final do copo d'agua ergueram-se animados *toasts*.

Aos noivos uma lua de mel imorredoiira.

—Vimos em dias d'esta semana o snr. Ricardo Matheus e ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> de Lisboa.

—Encontram-se doentes os snrs. Antonino Borda e Candido Palmeira, aquem desejamos, prompto restabelecimento.

—Seguiram no dia 14 do corrente para Lisboa com seu marido a ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup> D. Carmem Correia Leite Costa, dilecta e prezada filha dos grandes protectores da nossa pobreza ex.<sup>mo</sup> snr. dr. Correia Leite e ex.<sup>ma</sup> snr.<sup>a</sup>.

—Embarcou para Ancora, tendo vindo do Porto, o snr. alferes Felipe Gonçalves, de infantaria 8.

—Embarcam brevemente para o Brazil os snrs. José Devesa Gonçalves, Candido Palmeira e filho.

—Esteve no Porto, em dias d'esta semana o sr. João Dias dos Santos Borda.

—Esteve entre nós, durante alguns tempo em visita a sua gentilissima filha, o sr. Costa Simões conceituado negociante na cidade Invicta.

das pessoas com quem se relacionaram e a quem não foi possível fazel o pessoalmente.

### Manipulo

Quem achou uma manivela de automovel, perdida entre Fão e Forjães e quizer entrega-la, dirija-se ao ex.<sup>mo</sup> snr. Dr. Correia Leite, em Fão, que o gratificará.

### «Ilustração Portuguesa»

Compram-se os n.<sup>os</sup> 724 e 725 desta revista semanal.